

As Línguas e a Comunicação

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE



Entre os filósofos portugueses do século XIX figura José Maria Latino Coelho (1825-1891), que também se preocupou com a assimilação dos conceitos científicos, desde a antiguidade grega aos tempos modernos. Como membro da Academia das Ciências, teve acesso a informação pouco vulgar, que lhe enriqueceu o pensamento. Considerou Francis Bacon (1581-1626) o último dos pensadores medievais e o primeiro dos modernos, pela sua obra geradora do raciocínio indutivo, em lugar do francês Descartes, que assentou o seu método no raciocínio dedutivo. Latino Coelho foi muito influenciado pelo espírito criador do investigador alemão Alexandre de Humboldt, fundador do moderno conceito de universidade, com base na complementaridade experimental das concepções teóricas.

A propósito da publicação do livro «O Tesouro», do florentino Brunetto Latini, "a primeira enciclopédia que, em idioma falado e popular, se escreveu no mundo cristão" em língua francesa, o pensador português afirmou: "O segundo reparo que naturalmente se nos oferece é o ser a linguagem francesa já no século XIII, segundo o juízo de tão insuspeita autoridade, como era o toscano cioso das preeminências intelectuais da sua terra, a mais vulgar e conhecida na Europa civilizada". E daí concluiu: "Com o que se põe de manifesto quão antiga é a posse em que, de ser língua universal, anda desde largos séculos a francesa" (Latino Coelho, «A Ciência na Idade Média», Guimarães Editores, Lisboa, 1988).

O vigor comunicativo da língua francesa no século XIX era tão acentuado, relativamente às outras línguas utilizadas pelos diversos povos, que o referido autor não hesitou em escrever: "Aquele idioma estava, de feito, como que predestinado, quase desde o berço, ao glorioso ofício de ser o mais fecundo intermediário do

pensamento cristão e civilizado". Realmente, quando o latim começou a ceder às múltiplas formações linguísticas de raiz latina, no século XIII, a língua que mais se generalizou foi a francesa. "Da França haviam irradiado, ainda nas trevas da Idade Média, as excursões aventurosas que levavam o espírito francês às mais desvairadas e distantes regiões". O italiano de Canale, contemporâneo de Latini, escreveu a história de Veneza naquele meio de expressão "porque a língua francesa corre no mundo e é mais agradável de ler e de ouvir que qualquer outra".

Junto a minha voz ao enaltecimento da beleza acústica da fala francófona. Todavia, a sua difusão na era pós-latina deve-se sobretudo aos obreiros de vanguarda que souberam dar-lhe consistência, expurgando-a de contaminações gregas e da cristandade medieval com erudição latina. O vocabulário sediado nas fraseologias de Aristóteles, Plínio, Ptolomeu, Tito Lívio ou Cícero foi substituído pela voz corrente do povo, donde resultaram modos de expressão mais próximos dos homens que lhes davam vida. Esse processo evolutivo, característico de qualquer actividade humana, concedeu à França honras de predomínio cultural no mundo moderno.

Os portugueses aventuraram-se na descoberta de novos mundos, mas não conseguiram implantar tão profundamente as suas artes de comunicação oral ou escrita. Não fosse a sementeira brasileira, estaríamos condenados a assistir ao rápido desvanecimento da língua lusíada. Os milhões de falantes em português no Brasil reforçam a comunidade africana de expressão portuguesa. No entanto, Portugal nada faz de significativo para preservar a comunicação no mundo com a bela oralidade de Pessoa. Pelo contrário, detectam-se sucessivos golpes na construção linguística de Camões, principalmente nas decisões dos professores catedráticos que põem os

seus interesses pessoais muito acima da fortuna enriquecedora de todos os portugueses, quando preconizam a escrita de dissertações de doutoramento em língua estrangeira, só porque é mais fácil comunicar com a meia-dúzia de pares com quem cohabitam lá fora. Uma vergonha, que nem o Ministro da Cultura (já que o Ministro da Educação anda mais preocupado com a guerra inconsequente das propinas) tenta pôr cobro.

Os espanhóis vieram atrás de nós. E conseguiram maior expansão linguística. A América latina, no centro e no sul do novo continente, exprime-se geralmente pela língua de Cervantes. Nos tempos actuais praticam uma política de defesa patrimonial que poderíamos seguir sem reboço. O norte de África tem uma parcela de influência espanhola. Mas o próprio continente europeu aspira ao conhecimento da comunicação castelhana.

Antes da 2ª Grande Guerra era notória a importância científica e tecnológica da língua alemã. Quando vasculhei as bibliotecas germânicas para preparar a dissertação de doutoramento, encontrei, com surpresa, revistas do bloco oriental em língua russa contendo resumos em alemão. Mas o desvario guerreiro dos nazistas aniquilou esse valor civilizacional.

Nasceu então o poder da língua inglesa. Após o desenlace daquela guerra mundial, acentuou-se o domínio americano em todos os continentes e consigo ocorreu a disseminação tecnológica pela fala de Shakespeare. O encanto tradicional do dizer francês esfumou-se perante a utilidade emergente dos signos ingleses. O processo continua em crescente ascensão. A inglesiação da comunicação humana resulta do aproveitamento das redes globais, à medida que as fronteiras nacionais desaparecem, enquanto cada um de nós se sente mais cidadão do mundo.

Assim, haverá lugar civilizacional para a língua portuguesa? **E**